



# Depois das águas

RAFAEL KELMAN

**A** histórica falta de planejamento, aliada ao intenso fluxo migratório, induziu a ocupação desordenada de diversas cidades, entre elas o Rio. Sucessivos governos “compensavam” o déficit habitacional e os deficientes serviços, com uma inaceitável tolerância à desordem. Favelas nas encostas, sob viadutos e nas margens de rios passaram a fazer parte da paisagem e todos se acostumaram, mesmo com evidentes riscos.

As tempestades de verão continuamente dão o alerta ao multiplicarem os transtornos urbanos. Além dos impactos diretos, como deslizamentos de encostas que enterram casas, sonhos e vidas, os indiretos provocam alagamento de ruas e a consequente paralisação da cidade. Prejuízos enormes e difíceis de mensurar. Qual o custo de paralisar escolas e serviços básicos?

A banalização das enchentes parece provocar sentimento de resignação, como se a solução fosse muito complexa ou até inviável. Quando provocam o caos, as atenções são voltadas para assistência aos desabrigados. Uma vez que as águas baixam, a atenção é desviada: semanas de céu azul têm o poderoso efeito amnésico!

A cidade precisa ser mais bem planejada, com a consideração de intervenções de engenharia para diminuir a frequência e a intensidade das enchentes. Por exemplo, a construção de reservatórios nas cabeceiras dos rios que drenam para o Maracanã ou a Lagoa Rodrigo de Freitas, de piscinões como

os de São Paulo ou de túneis extravasores. Softwares especializados também podem ser usados para que chuvas intensas sejam mapeadas em níveis da água observados e os impactos de engenharia simulados, como a redução no nível d'água na Praça da Bandeira.

Urge um olhar mais à frente para que a expansão da cidade não repita os erros do passado. Felizmente, vivemos um momento propício para esta inflexão. É visível a recuperação da autoestima dos cariocas, não apenas pela Copa e as Olimpíadas, mas também com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que está ajudando a reverter um processo de decadência.

É hora de aproveitar o *momentum*. Planejar um sistema de transporte capaz de fixar as populações nas regiões periféricas, com infraestrutura instalada antes da ocupação, seria uma importante guinada na evolução histórica da cidade. Reduziria a pressão por investimentos menos eficazes para recuperar e integrar áreas que nunca deveriam ter sido ocupadas.

Áreas menos densas do tecido urbano, mas já dotadas de infraestrutura básica, também devem ser aproveitadas. Felizmente os governos têm tomado iniciativas, como a transformação do antigo presídio da Frei Caneca e uma área industrial em Triagem em locais de moradia. É preciso persistir nessa direção. A maior parte do trabalho acontece depois que as águas baixam.

---

RAFAEL KELMAN é engenheiro.